



FICHAMENTO E INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS COM SAFS NO BRASIL

TÍTULO: Sistemas Agroflorestais na Área de Proteção Ambiental Itacaré - Serra Grande, Bahia: um modelo alternativo à Agricultura de “Corte e Queima”.

RESUMO: O Instituto Floresta Viva, ONG ambientalista que tem como missão a Conservação Ambiental e o Desenvolvimento Humano no Sudeste da Bahia, percebendo a deficiência de sistemas tradicionais de agricultura em garantir a sobrevivência e a conservação dos recursos naturais nesta região, vem desenvolvendo algumas ações na tentativa de implementar um novo modelo de desenvolvimento rural. Uma das estratégias foi a instalação de 11 áreas experimentais de sistemas agroflorestais, objetivando capacitar os agricultores desta região no desenho e no manejo destes sistemas, de modo a ilustrar as vantagens destes em relação ao modelo tradicional de produção.

REDATORES DA FICHA:

NOME: MELLO, Durval Libânio Netto – Engenheiro Agrônomo; HILDEBRAND, Marcelo Zamboni - Engenheiro Florestal.

ÓRGÃO : Instituto Floresta Viva

DATA DE REDAÇÃO: 2005/01/14

TEXTO: Na região Sudeste da Bahia, em áreas de colonização mais recente – a exemplo da Área de Proteção Ambiental Itacaré - Serra Grande, a presença de solos com baixa fertilidade natural foi determinante para que estas áreas não sofressem tanto com o desmatamento e predominasse o modelo agrícola de corte e queima ou agricultura itinerante. Este modelo, nas condições atuais de aumento populacional e demanda por terras, em função da valorização proporcionada pelo turismo, apresenta limitações em conciliar conservação de recursos naturais com desenvolvimento humano.

Neste sistema o agricultor utiliza-se da derruba e queima da vegetação natural, seguido do plantio de mandioca (*Manihot sp*) ou outras culturas de subsistência. Em função da baixa fertilidade dos solos, conseguem cultivar apenas dois ou três ciclos, tendo que deixar a área em pousio por cerca de dez anos para a sua recuperação.

Ao perceber esta realidade no ano de 2000, nossos técnicos - na época no Instituto de Estudos Sócio Ambientais do Sul da Bahia (IESB), iniciaram um trabalho de capacitação em agroecologia, que envolvia a produção de hortaliças orgânicas, viveiros de mudas nativas, ornamentais e implantação de áreas experimentais de sistemas agroflorestais (SAF's). Estes SAF's foram desenhados a partir de oficinas e reuniões com um grupo de trabalho formado por técnicos e agricultores.

Foram então implantados 11 SAF's com 2000 m² de área. Os locais selecionados para a intervenção constaram de capoeira em estágio inicial de regeneração, monocultivo de coco da Bahia, pastagem e áreas degradadas. Para cada um desses locais foi adotada uma estratégia diferente: na área de capoeira foi feita uma roçagem seletiva deixando algumas espécies nativas e inserindo espécies adaptadas à sombra como: açai (*Euterpe oleraceae.*), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum.*), ingá (*Inga spp.*) e outras; em áreas mais abertas, como nas pastagens e côco da Bahia, foram introduzidas, em função das condições de luminosidade e da mudança sucessional, espécies anuais como abacaxi, quiabo e jiló consorciados com espécies semiperenes (banana - *Musa sp* e, mandioca - *Manihot sp.*) e espécies perenes (açai - *Euterpe oleracea*, cupuaçu - *Theobroma grandiflora*, cacau - *Theobroma cacao*, graviola - *Annona muricata*, pupunha - *Bactris gasipaes*). Mais recentemente, esses sistemas foram enriquecidos com espécies madeiráveis como

Apoio financeiro:

Fondation Charles Léopold Mayer
pour le Progrès de l'Homme

Apoio técnico:

almedio

www.almedio.fr

FICHAMENTO E INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS COM SAFS NO BRASIL

Jacarandá da Bahia (*Dalbergia nigra*), pau Brasil (*Caesalpinia echinata*), Maçaranduba (*Manilkara spp*), além de plantas ornamentais como helicônias e palmeiras.

De forma geral os princípios trabalhados nos desenhos foram o reconhecimento do *habitat* e do nicho ecológico de espécies potenciais, a conciliação destes com o interesse sócio-econômico dos agricultores e o papel funcional no agroecossistema, como ciclagem de nutrientes, fixação biológica de N, atração de insetos benéficos e outros.

Além desta atividade com SAF's visando a superação de um sistema de cultivo com impacto negativo para a conservação de florestas, outras ações foram necessárias para iniciar-se a construção de um modelo de desenvolvimento rural compatível com a realidade regional. Estas ações tiveram como base de planejamento e execução os principais entraves sócio-econômicos diagnosticados na época, tais como: renda familiar insuficiente para a sobrevivência, falta de recursos e acesso ao crédito para investimento e recuperação de culturas decadentes, fragilidade na organização comunitária com conseqüente dificuldade de comercialização de seus produtos.

Por outro lado, o emergente mercado turístico de Itacaré com *resorts*, pousadas e hotéis tentando vincular o conceito de ecoturismo a esta região criava a possibilidade de comercialização de produtos e serviços nesse nicho.

Neste contexto foram criadas quatro linhas de ações ou metas que consistiam em:

- Aumento de renda dos agricultores: através do pagamento por serviços ambientais e subsídio na forma de insumos aos agricultores, estes puderam aumentar suas rendas durante 18 meses em cerca R\$ 175,00.
- Implementar inovações tecnológicas: através da produção de mudas para reflorestamento de áreas degradadas, produção de hortaliças, implantação de trilhas de ecoturismo e uso de práticas agroecológicas nos imóveis dos agricultores, está se garantindo a mudança de modelo tecnológico e a permanência do agricultor no imóvel.
- Promover a capacitação dos agricultores: a formação de grupos de trabalho a partir de oficinas de capacitação em agroecologia e sistemas agroflorestais têm despertado a consciência dos mesmos para a possibilidade de conciliar conservação com geração de renda tendo como principal produto dessa ação a formação do grupo de horta que mais recentemente teve seu conceito ampliado para grupo de agricultura sustentável.
- Estabelecer o monitoramento ambiental nas propriedades: através do pagamento por serviços ambientais os agricultores têm se comprometido em conservar suas matas, manter seus filhos estudando, não utilizar fogo no sistema de cultivo e outros compromissos, que são monitorados pela equipe técnica do Instituto Floresta Viva através de visitas de campo e reuniões.

Nesta etapa do trabalho algumas ações tiveram um retorno sócio-econômico maior para o agricultor, sendo que os SAF's implantados não foram capazes de influenciar a adoção de seus princípios e técnicas de forma generalizada em suas áreas como: manejo da biomassa, consorciação de cultivos no tempo e no espaço, enriquecimento de áreas monocultoras com outras espécies, manejo de pragas e doenças através da biodiversidade etc. Apesar disto, alguns agricultores acreditando no potencial dos SAF's em gerar renda a médio – longo prazo, continuaram a investir nos mesmos, começando a obter alguma renda deste trabalho. Pode-se perceber também que mais recentemente esses têm usado em toda sua área conceitos de agroecologia, principalmente a consorciação de cultivos e o enriquecimento de áreas de cultivo de coco da Bahia com outras espécies, como o cupuaçu, além de espécies arbóreas com fim madeireiro nas áreas iniciais (foto 1).

FICHAMENTO E INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS COM SAFS NO BRASIL

Foto 1: Sistema agroflorestal em antiga área de monocultivo de coco da Bahia, sendo enriquecido com bananeiras, açaizeiros, cupuaçuzeiros e mais recentemente com espécies como pau Brasil (no centro da foto).



Em parte esta nova perspectiva parece estar ligada aos primeiros resultados em termos produtivos com os SAF's e com as constantes capacitações em agroecologia e recentemente os intercâmbios acontecidos com a comunidade de agricultores familiares de Rio do engenho em Ilhéus.

COMENTÁRIOS: Essa experiência demonstra ser possível através de um trabalho continuado de capacitação e assistência técnica mudar a condição sócio-econômica de agricultores familiares, ao mesmo tempo em que se garante a base produtiva e o uso de recursos naturais por gerações vindouras. Cabendo salientar a dimensão multifuncional da agricultura principalmente os serviços ambientais prestados por estes agricultores a sociedade.

Sendo possível perceber esta realidade através das declarações dos próprios agricultores, como o Sr° Domingos:

“Há três anos a minha vida era muito difícil, vivia de cultivar mandioca e pequenas culturas de cereais como: milho, feijão, batatas doce, e outros. Veio a mudança em novembro de 2000. Apareceu um técnico da equipe que mudou o meu modo de trabalhar. Para min foi um trabalho de conscientizar as pessoas a não desmatar e não caçar e não vender madeira, mas sim plantar mudas. Em cima deste trabalho, que não é só um projeto mas é vida para a floresta. O projeto implantou viveiros, sistemas agroflorestais, trilhas para turistas, hortas e rodas d'água para abastecer minha casa. Para que este trabalho fique concluído precisamos de saúde, educação, transporte, energia em nossas moradias, e criação animal de pequeno porte como galinhas e peixes. Floresta Viva você é vida para tudo e todos”.

Domingos Anselmo de Jesus (Conjunto Brilhante).

NOTAS: Esse programa vem sendo realizado desde novembro de 2000 até a presente data, tendo sido iniciado através do programa Floresta Viva, e mais recentemente pelo Instituto Floresta Viva numa parceria com o IESB, com apoio do FUNBIO, Fundação FORD e empreendimentos locais como Vilas de São José e mais recentemente o TXAI Resort. As comunidades de agricultores assistidos são: Assentamento Marambaia, Camboinha e

FICHAMENTO E INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS COM SAFS NO BRASIL

Associação de Pequenos Produtores Rurais de Serra Grande onde atualmente funciona a sede do Instituto Floresta Viva.

PALAVRAS-CHAVE PROPOSTAS: ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL; CORTE E QUEIMA; SAF's; CONSERVAÇÃO.

PALAVRAS CHAVE GEOGRÁFICAS: BRASIL

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA: APA ITACARÉ-SERRA GRANDE, BAHIA

TIPO DE FICHA: EXPERIÊNCIA

ORIGEM DA INFORMAÇÃO: DOCUMENTO ESCRITO

AUTOR DA EXPERIÊNCIA:

PESSOA CONTATO/ENTREVISTA COM:

MELLO, Durval Libânio Netto e HILDEBRAND, Marcelo Zamboni

E-mail – durval@florestaviva.org.br e marcelobigua@florestaviva.org.br

Outros contatos: ROCHA, Rui Barbosa – Engenheiro Agrônomo Diretor do Instituto Floresta Viva - Itacaré

DATA DA ENTREVISTA: 2005/01/20

ÓRGÃO-CONTATO: IFV = Instituto Floresta Viva.

ENDEREÇO-CONTATO:

Rodovia Ilhéus – Itacaré, km 34, mirante, vila de Serra-Grande, Uruçuca – BA, tel/fax: 73 239 6115; e-mail: florestaviva@florestaviva.org.br // website: www.florestaviva.org.br

BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS NA INTERNET:

Filho, S, S, R; Cyrillo,V; Samboni, M, H; Santos, C, H, de J; Rocha, R, B. PROGRAMA FLORESTA VIVA: uma experiência de inclusão social e conservação da Mata Atlântica no sul da Bahia.In Brose, M.(org.). **Participação na Extensão Rural: experiências inovadoras de desenvolvimento local**. Porto Alegre: Tomo editorial, 2004, pp 189-201

Altieri, M.; Agroecologia: Bases Científicas para uma Agricultura Sustentável.(coord. Miguel Altieri) – Guaíba: Agropecuária, 2002,p.592